

O FILME DOCUMENTAL NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO TERRITORIAL, CULTURAL E LITERÁRIA: O PROJETO MEMÓRIAS DA AZINHAGA POR SARAMAGO

*The documentary film in the territorial,
cultural and literary mediation: the project
on the Memories of Azinhaga by Saramago*

MANUELA SOFIA SILVA
manuelasofia.silva@ipt.pt
Instituto Politécnico de Tomar,
TECHN&ART
<https://orcid.org/0000-0002-1919-0292>

MARIA ROMANA
maria.romana@ipt.pt
Instituto Politécnico de Tomar,
TECHN&ART
<https://orcid.org/0000-0002-1163-9497>

JOÃO CORDEIRO
joao.cordeiro@uevora.pt
Instituto Politécnico de Tomar,
TECHN&ART | Universidade de

Évora, CHAIA
<https://orcid.org/0000-0002-0161-7139>

JÚLIO SILVA
jsilva@ipt.pt
Instituto Politécnico de Tomar,
TECHN&ART
<https://orcid.org/0000-0002-5081-5879>

LUÍS CARREIRA DOS
SANTOS
lsantos@ipt.pt
Instituto Politécnico de Tomar,
TECHN&ART | Universidade de
Coimbra, Centro de Geociências
<https://orcid.org/0000-0003-1006-4131>

ANA DO CARMO
anadocarmo@ipt.pt
Instituto Politécnico de Tomar,
TECHN&ART
<https://orcid.org/0000-0003-2456-4591>

SUSANA DOMINGOS
susana.domingos@ipt.pt
Instituto Politécnico de Tomar,
TECHN&ART
<https://orcid.org/0000-0002-6351-5728>

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-10_3

Texto recebido em / Text submitted on: 30/04/2024

Texto aprovado em / Text approved on: 25/09/2024

RESUMO

Esta investigação procura, através do filme etnográfico, inscrever e compreender a relação que a Azinhaga, berço de José Saramago, tem com o autor. Os resultados indicam que esta aldeia se constitui como lugar de memória relativo ao nobelizado, com comprometimento das suas gentes para com o legado por ele deixado. As conclusões são consubstanciadas pelos depoimentos recolhidos, pela aposta dos agentes públicos na criação de instituições ligadas ao escritor e pela presença de elementos artísticos/arquitetónicos, remetendo para o vínculo de Saramago à sua terra. Por fim, discute-se o contributo do registo audiovisual (na forma de oito curtas-metragens) para o reforço da Azinhaga como lugar de memória e desenvolvimento da região através da promoção do turismo literário.

Palavras-chave: Património cultural e literário; lugar de memória; turismo literário; filme etnográfico; antropologia visual.

ABSTRACT

Through ethnographic film, this research seeks to record and understand the relationship that Azinhaga, José Saramago's birthplace, has with the author. The results indicate that this village is a place of memory for the Nobel Prize winner, with its people committed to the legacy he left behind. The conclusions are substantiated by the testimonies collected, by the commitment of public agents to create institutions linked to the writer and by the presence of artistic/architectural elements, referring to Saramago's attachment to his land. Finally, it is discussed the contribution of the audiovisual record (in the form of eight short films) to strengthening Azinhaga as a place of memory and development for the region through the promotion of literary tourism.

Keywords: Cultural and literary heritage; places of memory; literary tourism; ethnographic film; visual anthropology.

INTRODUÇÃO

A passagem de José Saramago pela Azinhaga, sua terra natal, correria o risco de ser uma nota de rodapé na biografia do autor de *Memorial do Convento*, não fosse o livro *As Pequenas Memórias*, publicado em 2006, a esculpir na pedra de forma indelével o enormíssimo papel que aquele lugar teve na sua vida. Sendo, pois, uma aldeia empobrecida, mas rodeada das grandes casas agrícolas do Ribatejo, a Azinhaga descrita por Saramago, em tom memorialístico e confessional, recorda os períodos em que, na sua infância e adolescência, passava as férias na aldeia, na “pobríssima morada dos meus avós maternos” (Saramago, 2014: 15).

No entanto, este documento herda o trejeito comum aos livros, caracterizado pela unidirecionalidade da comunicação. Ficamos a conhecer a perspectiva do autor sobre a Azinhaga, mas omite a opinião das gentes da aldeia sobre o seu ente querido, ainda bem vivo na memória de alguns anciões e da própria aldeia, bem diferente do espaço paisagístico e edificado, rememorado no livro autobiográfico de Saramago.

Foi a partir deste lapso sociológico que nos propusemos investigar a Azinhaga e as suas gentes com o intuito de conhecer a sua perspectiva e as suas memórias sobre José Saramago, os seus laços familiares e a sua relação com o território. Concretamente, pretendíamos responder às questões: que memórias existem nos habitantes sobre José Saramago? Que importância atribuem ao facto de ele ser um escritor mundialmente reconhecido? Em que medida pode a Azinhaga ser considerada um lugar de memória do escritor? Que implicações têm estas questões para a região, em particular para o seu desenvolvimento cultural, assente no turismo literário?

1. A AZINHAGA

A Azinhaga tem uma forte consciência da sua história, e dizem as vozes que poderá ser mesmo anterior à nacionalidade, “À aldeia chamam-lhe Azinhaga, está naquele lugar por assim dizer desde os Alvores da Nacionalidade” (Saramago, 2014: 9), o facto é que a Torre do Tombo contém o foral que lhe foi dado por D. Sancho II, colocando a sua existência enquanto população entre as primeiras

do reino. Ao longo dos tempos, o seu desenvolvimento acompanhou a gradual importância da estrada real que ligava Lisboa a Coimbra, cruzando o rio Almonda precisamente nas suas cercanias; nos finais do século XVIII era considerada uma das freguesias rurais mais ricas do reino e a mais próspera dos “termos de Santarém”, onde se manteve até 1895, ano da sua inclusão no novo concelho da Golegã. Os inícios de novecentos não lhe foram propícios, perdendo alguma da sua importância e sobretudo prosperidade.

Talvez como forma de se reencontrar, a pequena aldeia da Azinhaga candidatou-se a aldeia mais portuguesa de Portugal em 1938, concurso de propaganda ideológica do Estado Novo que tinha como objetivo dar uma imagem de harmonia e felicidade, relevando o que à data era imposto como a imagem da autenticidade das gentes portuguesas: a simplicidade (forma de denominar a miséria), as tradições (controladas por uma rigidez conservadora) e a alegria do povo materializada nos grupos folclóricos (criados para o efeito). Apesar de ter sido selecionada para o concurso, esta não foi uma decisão consensual, tendo sido, inclusive, solicitado pela Junta Provincial do Ribatejo (órgão selecionador) a sua exclusão do concurso por má vontade dos seus fregueses e por não reunir as condições necessárias ao concurso (Félix, 2018). Ainda assim, a Azinhaga não foi excluída do concurso, ganhando, antes, a menção de “Aldeia mais Portuguesa do Ribatejo”, e ainda hoje se pode ver a placa que imortaliza a participação da aldeia neste concurso nacional, não faltando, inclusive, comemorações à efeméride na aldeia.

Atualmente, o contexto social e económico da Azinhaga alterou-se significativamente com os novos meios de produção agrícola e diversificação da economia no concelho, embora persistam elementos identitários da região como o Rancho Folclórico Campinos de Azinhaga (Fig. 1 e 2).



Fig. 1 e 2 – Atuação do Rancho Folclórico Campinos de Azinhaga na Festa do Bodo, em maio de 2023 (Fonte: Autores, 2023).

2. AS PEQUENAS MEMÓRIAS ENQUANTO EXERCÍCIO AUTOBIOGRÁFICO

Quando alguém se propõe escrever sobre si, a sua vida, ou parte dela, almeja a busca de um sentido para a sua existência e, nesse desiderato permite-se escolher, por seleção ou omissão, a lembrança, a recordação, permite-se revistar ou olvidar, talvez ficcionar, mas sem dúvida reconstruir o rememorado. Philippe Lejeune (2008) em *O Pacto Autobiográfico* considera a autobiografia como “o relato retrospectivo, em prosa, que uma pessoa faz da sua existência, destacando a sua vida pessoal e, particularmente a história da sua personalidade” (Lejeune, 2008: 14), acrescentando que a diferença entre a autobiografia e as narrativas de ficção concerne à existência de uma relação entre a realidade e a sua transcrição, que consubstancia a emergência da verosimilhança.

Na narrativa autobiográfica, o autor é simultaneamente ator e contador a sua história, na totalidade ou em parte, num recordar constante do lembrado, moldando o presente, perpetuando pela escrita as suas vivências ou procurando a reconstrução controlada da memória dessas vivências.

O livro das suas Memórias, pequenas, como as intitulou José Saramago, diz-nos, no seu modo de dizer as coisas, que eram pequenas as memórias porque eram as memórias de quando ele era pequeno. Saramago fala-nos na memória de si e orienta-nos no processo de reconstrução de memórias individuais, através da interpretação da realidade, resultado do dialogismo entre o passado e o presente, do testemunho vivido e das representações que a memória individual vai fabricando e transformando em memória coletiva, de modo a fazer prevalecer aquilo que de importante a vida contém e dirimindo tudo o resto.

As memórias dizem respeito aos momentos em que, na infância e adolescência, o autor ia para casa dos avós maternos, pois, embora José Saramago tenha nascido na Azinhaga, em 1922, os pais levaram-no para Lisboa em 1924, antes de completar os dois anos de vida. São sobretudo recordações dos seus avós, Josefa e Jerónimo, do muito que lhe deram e da sua casa, “esse mágico casulo onde sei que se geraram as metamorfoses decisivas da criança e do adolescente” (Saramago, 2014: 15) e dos períodos de férias passados na Azinhaga. São também as memórias dos lugares e das pessoas, das paisa-

gens, que no confronto com o presente se esfumam na imaterialidade das lembranças, e na certeza da sua não existência.

A partir da leitura de *As Pequenas Memórias*, caminhamos com a criança que foi José pelas ruas da Azinhaga, pelos campos na riba do Tejo e do Almonda, trepamos às oliveiras, vimos lagartos, reais ou metafóricos, rememoramos lugares, paisagens, gentes da sua aldeia do Ribatejo, comemos com ele o pão da avó Josefa, com ela percecionamos o carinho das coisas, intimidamo-nos com a figura patriarcal do avô Jerónimo, jogamos à bola nas Divisões, aguardamos à soleira da porta um castigo por castigar, abrimos a arca azul e suspendemos o olhar nas folhas amarelecidas de *O Século*, atravessamos os rios em mira do bailarico.

Do adulto/escritor, aquele que refletiu as memórias e a vida, lemos as mágoas e os sonhos, a perplexidade perante a desconstrução gratuita dos lugares, a denúncia, a mistificação; as emoções e as suas teias enredadas que formam os homens, refletimos a recusa à conformação e percecionamos o ontem que se fez hoje e se fará amanhã.

3. SOBRE O TURISMO LITERÁRIO

De acordo com Sardo (2009), o turismo e a cultura estão intimamente relacionados na medida em que esse consiste na deslocação de pessoas do seu local de residência habitual, com o intuito de conhecer, descobrir outras culturas e tradições, assim como elevar o seu nível cultural, proporcionando novos conhecimentos e novas experiências. Neste sentido, o turismo cultural procura oferecer ao visitante um conhecimento “mais profundo de outras culturas, costumes e tradições, bem como outras formas de viver e entender o mundo” (Sardo, 2009: 340), onde se inclui um tipo de turismo específico – o turismo literário. O turismo literário relaciona-se com a viagem do turista que procura a descoberta dos locais retratados nos livros e/ou associados à vida do seu autor, ou seja, é um turista que procura um encontro com a literatura através “das palavras dos grandes escritores, que descreveram, de forma marcante, cidades, lugares e paisagens que, independentemente do carácter ficcional das obras, fazem parte do património” (Sardo, 2009: 340).

O turismo literário, sendo um tipo de turismo relativamente recente em Portugal, constitui-se como um nicho que procura dar resposta a um determinado mercado, a um certo tipo de turista movido por um interesse particular em literatura, podendo “incluir visitas a casas antigas ou atuais de autores (vivos e mortos), a locais reais e/ou descritos em textos literários, e a locais associados a personagens e eventos literários” (Quinteiro e Baleiro, 2014: 12-13). Normalmente, trata-se de um turista mais exigente e com um nível cultural e de educação mais elevado (Sardo, 2009; Quinteiro e Baleiro, 2014; Carvalho e Batista, 2015; Sousa e Anjo, 2020), que procura experiências diferentes, um contacto mais direto com o imaginário da obra, com as personagens e os locais reais, descritos ou relacionados com a vida do autor, não raro numa procura de autenticidade. Todavia, importa salientar que o turismo literário tem sido, em Portugal, frequentemente, associado a uma vertente muito mais cultural e educativa do que turística, através da criação de algumas rotas literárias ou itinerários, destinados às escolas, encontrando-se estes projetos desalinhados com o setor do turismo, comprometendo, segundo Carvalho e Batista (2015), o seu potencial contributo “para o desenvolvimento económico e social ao nível local e regional” (Carvalho e Batista, 2015: 60).

Para que o turismo literário se concretize é essencial que o leitor, tornado turista (o leitor-turista), se desloque ao local representativo das suas leituras pelos universos da ficção ou por estar relacionado com o seu autor, construindo, deste modo, um lugar literário/um sítio literário (Herbert, 1996). Um lugar literário é um “marcador” (Müller, 2001, cit. Quinteiro e Baleiro, 2014), isto é, um lugar assinalado e imortalizado pela literatura, que tem a grande vantagem de disseminar imagens duradouras dos locais e reforçar o imaginário de um destino turístico. O texto literário permite estabelecer uma ligação com esse lugar ou com o autor, pois o turista sente-se motivado pelo desejo de encontro com a paisagem real ou para pisar o mesmo chão que as personagens.

Para além do turismo literário, existem outras formas de turismo cultural, nomeadamente o turismo baseado em produções audiovisuais, tais como conteúdos televisivos e cinematográficos. Esta forma de turismo

transformou-se num sector lucrativo e de rápido crescimento na indústria do turismo, com reconhecida repercussão económica (Tetley, 1997). Busby e Klug (2001) desenvolveram um estudo circunscrito à área de Notting Hill, onde foi rodado o filme homónimo, com Julia Roberts e Hugh Grant, sobre o impacto que o cinema tem no turismo. Os resultados indicam que dois terços dos inquiridos concordaram com o facto de que programas de televisão e filmes encorajam o turismo numa determinada área, o que sustenta a ideia de que os espetadores-turistas estão conscientes da maneira como os conteúdos audiovisuais que consomem influenciam a escolha dos seus destinos turísticos. No entanto, há a referir que estes conteúdos audiovisuais são de carácter essencialmente ficcional, não se confundindo neste âmbito com os filmes promocionais, os quais se destacam por uma linguagem cinematográfica afim à publicidade e ao marketing. Adicionalmente, existem casos em que a obra cinematográfica está intimamente ligada à obra literária, como é o caso das adaptações da literatura ao cinema. Nestas situações, o turismo cinematográfico expande as possibilidades oferecidas pelo turismo literário.

4. SOBRE OS LUGARES DE MEMÓRIA

Em *As Pequenas Memórias* (2014), o espaço da Azinhaga é central e é em torno dele que as suas memórias de infância se constroem e a partir do qual se faz a formação afetiva e emocional do autor, sobretudo através da figura dos avós. Porém, este lugar não corresponde “à Azinhaga da materialidade ribatejana que o leitor deste livro procurará conhecer; é a Azinhaga da subjetividade emotiva de Saramago, que suscitará a curiosidade do conhecimento; os lugares que naquele lugar podemos, todos nós, encontrarmo-nos com Saramago” (Silva et al., 2023: 42).

Na idade adulta um indivíduo não mantém o sistema de representações que o consubstanciava na infância, tornando-se, pois, difícil conservar totalmente a lembrança do passado. Também as alterações de contexto podem carrear alguma inconsistência nas ligações entre a memória individual e a memória de grupo e até mesmo desta com a memória coletiva das sociedades.

De acordo com Halbwachs (2006) “a memória é a possibilidade de re colocação das situações escondidas, que habitam na sociedade profunda, na [no campo da] sensibilidade (...)” (Halbwachs, 2006: 67-68), e, neste sentido, podemos ainda intuir que a memória, muitas vezes, se configura como um recipiente de lembranças possíveis e inesgotáveis, se a partilha a mantiver em constante renovação.

Ao criar o construto nocional de “lugares de memória” Nora (1993) vai, de certa forma, ao encontro de Halbwachs (2006) no entendimento do papel da memória na construção da narrativa da humanidade. Considera Nora que os lugares de memória advêm de duas proveniências distintas que lhes conferem complexidade e a que ele denominou de reinos: um simples natural e aberto de imediato à experiência sensível, e o outro ambíguo artificial e talhado pela criação abstrata. Numa amálgama que funde a materialidade, o simbólico e o funcional, em diversas proporções, instituem-se os lugares de memória. Contudo, estes lugares só assim são entendidos se a imaginação lhes conferir uma aura simbólica, constituída em simultâneo por significação simbólica, materialidade e lembrança.

Considerando que os lugares de memória resultam dos jogos que entrelaçam e sobredeterminam reciprocamente a memória e a história dos indivíduos e dos lugares e que focalizam lembranças escolhidas pela memória, num exercício de vontade que elege algo como digno de lembrança e o configura como lugar onde o tempo para, onde o curso do esquecimento é bloqueado, onde a morte é imortalizada, onde a imaterialidade se materializa, entendemos que são lugares de memória todos os lugares que perpassam em *As Pequenas Memórias*.

É, pois, a partir da reconstrução das suas memórias de infância e juventude, passadas na aldeia, volvidos mais de setenta anos, que José Saramago lembra a Azinhaga, o lugar de memória, do seu espaço social e que, por sua vez, contém todos os seus lugares de memória que, num incessante ressurgimento dos seus significados, foram materializados pela escrita, numa visão filtrada pela memória e pela interpretação do vivido, numa certa mistura entre verdade e ficção, com “oscilações entre o vivido e o recordado, este frequentemente adulterado” (Ruivo, 2017: 60).

5. METODOLOGIA

5.1. DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA AO FILME ETNOGRÁFICO

A génese deste projeto de investigação teve como fonte de ignição um convite para a realização de oito curtas-metragens baseadas na obra autobiográfica de José Saramago *As Pequenas Memórias* (2014), um texto que estabelece a ligação do autor à Azinhaga, sua terra natal. Após leitura analítica da obra e várias incursões ao terreno para conversas com a população e elementos do poder local, decidiu-se que o método de recolha de dados que nos permitiria cumprir o objetivo de criar as referidas curtas-metragens – com um carácter mais livre – e encontrar respostas para as questões levantadas, seria a recolha videográfica de natureza documental e etnográfica.

Howell (2018) descreve a prática etnográfica como uma ferramenta indissociável da antropologia, no sentido em que é a partir da sistemática observação e registo de populações que se pode conhecer os seus modos de vida. Sucede que um dos objetivos científicos traçado para o projeto tem uma base profundamente antropológica: conhecer como a população da Azinhaga se relaciona com a memória de José Saramago e o seu tempo, e como a projeta no futuro. Nesse sentido, optou-se pelo registo em vídeo de entrevistas a elementos da população da Azinhaga, em particular aos anciões que conviveram com o nobilizado.

Autores como Peirano (1998) vincam a ideia de que a prática etnográfica situa o etnógrafo como participante-observante na comunidade que pretende conhecer, e que o etnógrafo não necessita de viajar para lugares longínquos e exóticos para descobrir novas realidades, uma abordagem conhecida como “anthropology at home” que se aplica à realidade da equipa que executou o projeto, a qual pertence à região onde se localiza a Azinhaga. É também relevante ressaltar que uma das dimensões do filme etnográfico é a observação e registo das comunidades na prossecução das suas tarefas diárias. Essa dimensão não foi explorada no registo documental, pois o que se pretendeu fundamentalmente foi estabelecer a relação psicoafetiva entre a comunidade e o autor, assim como aprender sobre a evolução de aspetos de ordem geográfica, económica e social do território. No entanto, sempre que possível, as entrevistas foram realizadas em

locais relacionados com traços identitários dos entrevistados. Por exemplo, Irene Campino, pescadora de profissão, foi entrevistada junto ao leito do rio Almonda, perto de um barco de pesca da sua família (Fig. 3). Victor Guia, presidente da Junta de Freguesia, foi entrevistado no jardim do Largo das Divisões (Fig. 4), um dos locais mais emblemáticos da freguesia, e Fernando Girão, carpinteiro, foi entrevistado na sua carpintaria (Fig. 5). Além disso, diversas imagens de paisagens e elementos naturais e arquitetónicos integram o filme, assim como imagens de arquivo que pretendem caracterizar o contraste entre a Azinhaga de Saramago e a contemporaneidade. Por fim, é ainda importante esclarecer que a adoção do termo “filme etnográfico” acontece em aquiescência com a visão mais abrangente de autores como Heider (2006), que consideram que uma abordagem etnográfica à produção cinematográfica pode existir fora dos meandros puramente antropológicos. A discussão académica sobre os limites do filme documental e do filme etnográfico está fora do âmbito deste artigo, no entanto é assumido que na edição final do produto audiovisual foram tomadas liberdades criativas ao nível da edição da imagem e som, embora as mesmas não tenham corrompido o rigor científico relacionado com a recolha de dados.



Fig. 3 – Entrevista a Irene Campino na Azinhaga (Fonte: Autores, 2023).



Fig. 4 – Entrevista a Victor Guia, na Azinhaga (Fonte: Autores, 2023).



Fig. 5 – Entrevista a Fernando Girão, na Azinhaga (Fonte: Autores, 2023).

5.2. O PROCESSO DE RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS

As curtas-metragens realizadas a partir do livro *As Pequenas Memórias* basearam-se em oito momentos específicos, previamente definidos pela curadora da Fundação José Saramago da Azinhaga e centram-se nos excursos de memória das paisagens da aldeia e dos rios, o Tejo e o Almonda, das pessoas com quem se cruzou e, naturalmente, as suas atividades, os sítios da aldeia, as casas, sobretudo a dos avós, os campos, em especial os olivais, os momentos que marcam e constroem as identidades.

O processo de pré-produção das curtas-metragens iniciou-se pela análise dos excertos no que concerne à identificação descritiva dos locais, das tradições, da época, das paisagens e, tratando-se de um livro de memórias (ou seja, tendencialmente não ficcional), surgiram dois caminhos possíveis: a etnoficção ou a abordagem documental.

Após as primeiras visitas ao local e a realização das primeiras entrevistas, tornou-se claro o caminho a seguir: optou-se por uma abordagem tendencialmente documental, alicerçada no próprio processo subjacente à escrita das pequenas memórias, ou seja, a fixação em vídeo das memórias de uma comunidade, desta feita centrada na figura de José Saramago e da sua relação com a Azinhaga.

No decorrer do processo, fortaleceu-se a relação com o local e com as pessoas através de visitas à Azinhaga, e começou-se a recolha de dados através da realização de entrevistas semiestruturadas que foram gravadas em vídeo e áudio. Com efeito, foi esta a opção metodológica que nos pareceu mais profícua, para atingir o objetivo de partilha de memórias e de sentimentos de pertença, pois a técnica de entrevista semiestruturada numa perspetiva dialógica é a que se apresenta com o mínimo de interferência, na medida em que este tipo de entrevistas permite identificar sentimentos, pensamentos, opiniões, crenças, valores, e atitudes em relação a determinado tema (Vilelas, 2017), sendo, por isso, a forma mais oportuna. Por outro lado, este tipo de entrevista tem, também, um carácter flexível, de rápida adequação aos contextos situacionais e permite uma maior liberdade de resposta aos participantes.

Não exigindo guiões estruturados, pois constitui-se numa conversa onde o entrevistador tem como função incentivar o entrevistado a falar, foi, contudo,

elaborado um roteiro orientador que focalizou as memórias que os entrevistados tinham da Azinhaga da sua infância, se partilhavam alguma convivência com Saramago ou com a família (avós / filha), que mudanças constatam na Azinhaga e o que representa o nobilitado para a aldeia. Estes foram, pois, os temas propostos para conversas com o presidente da Junta de Freguesia, uma pescadora, um correio, um carpinteiro, um sapateiro, um amigo da família, um familiar afastado, um elemento do rancho folclórico. Para as duas familiares próximas do escritor, os temas versaram mais sobre as próprias memórias de Saramago e as partilhas que com ele tiveram. O registo destas conversas, que decorreram em locais específicos e consentâneos com cada um dos participantes, foi realizado de forma síncrona em áudio e vídeo e foram feitas transcrições, das quais se selecionou o que se considerou matéria para as curtas.

No que respeita ao processo de produção, depois de definir o conceito, avançou-se de forma mais consistente para a rodagem em equipas multidisciplinares de 3-4 pessoas: produção, entrevista, som e imagem. Este processo envolveu a captação de entrevistas, leituras e *b-rolls*, ou seja, planos acessórios de paisagens, arquitetura, festividades agrícolas, etc. Este processo decorreu de forma mais ou menos regular, ao longo de aproximadamente 12 meses.

Seguidamente iniciou-se o processo de pós-produção e, após terem sido recolhidas cerca de 20 horas de filme, foi necessário proceder à sua organização conceptual, identificando temas comuns entre as leituras e os depoimentos. Para tal, foi utilizado um software de transcrição de áudio para texto baseado em inteligência artificial. Este processo permitiu, em poucos minutos, executar uma tarefa que de outra forma demoraria vários dias a completar. Depois de transcritos, os depoimentos foram sendo editados em texto, de modo que o texto da obra e os depoimentos fossem intercalados, criando uma narrativa coerente para cada uma das curtas-metragens. Passado esse processo, iniciou-se a edição de vídeo propriamente dita, baseada na edição realizada em texto. Finalizada a edição de vídeo referente aos elementos textuais (leituras e entrevistas), foi altura de acrescentar os *b-rolls*, ou seja, imagens da Azinhaga que ilustrassem o que foi sendo narrado; e, por fim, passou-se ao tratamento do som e da cor.

Por último, foram trabalhadas as vozes no sentido de criar um conjunto homogêneo em termos de amplitude e equalização de frequências; e acres-

centados efeitos sonoros como ambientes, passos, portas, etc. que ilustram algumas das ações descritas nas leituras.

6. RESULTADOS

6.1. DEPOIMENTOS RECOLHIDOS ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS

Conforme referido, realizaram-se diversas entrevistas às pessoas da Azinhaga que ainda conservam memórias de Saramago, histórias ou episódios vividos, e da aldeia naquele tempo, sendo eles, o Presidente da Junta de Freguesia (Victor Guia); um correio (Carlos Silveira); uma pescadora/avieira (Irene Campino); o Presidente do Rancho Folclórico Campinos de Azinhaga (Fernando Pombo); um carpinteiro (Fernando Girão); um amigo da família (José Madeira); e, por fim, a filha (Violante Saramago Matos) e a neta (Ana Saramago Matos) de José Saramago. As entrevistas foram longas, mas apresentam-se, em seguida, algumas passagens mais elucidativas e representativas dessas memórias.

O Presidente da Junta de Freguesia destacou que “Saramago como homem é um ser extraordinário, com quem tive o privilégio de conviver e ser amigo pessoal e assíduo na visita às suas casas, tanto em Lisboa, como em Lanzarote, [e do qual] tenho passagens extraordinárias de memórias riquíssimas” (V. Guia, entrevista, junho 19, 2023). Recorda também a passagem em que Saramago referia gostar de rever a cama dos avós Jerónimo e Josefa, onde nas noites frias de inverno, se aconchegavam os bácoros para não morrerem:

Está aqui a cama, pode pôr as mãos em cima da cama à vontade. [José Saramago] olhou para a cama e diz ‘Minha vida, não tenho a mínima dúvida que a cama é esta, mas as cores não são estas. A cama era rosa (...) e as flores tinham mais que uma cor. Não me perguntes as cores que elas tinham porque eu isso já não consigo recordar,’ (...). começámos a raspar a cama (...). A cama já tinha quatro camadas, já tinha sido branca, já tinha sido azul, já tinha sido verde e a última camada era rosa.

(V. Guia, entrevista, junho 19, 2023)

O correteiro que, apesar não ter convívio com o nobelizado, sempre viveu na aldeia, guarda memórias da vida na aldeia que são bem diferentes dos tempos atuais, destacando que “Estrangeiros aparecem, todos um pouco da ligação de Saramago à Azinhaga (...) já está tudo muito diferente do que era no tempo dele, porque isto dantes era tudo olivais. Agora temos um campo aberto, com culturas de milho, mato e outras coisas” (C. Silveira, entrevista, julho 21, 2023). Também a pescadora, que veio da Praia da Vieira, ainda pequena, contou-nos que: “a tradição da pesca é sempre o marido e a mulher. Sim, tem mesmo de ser, porque quando é para pescar com a rede de arrasto tem que ser sempre duas pessoas, uma para os remos e outra para largar a rede e para a colher” (I. Campino, entrevista, junho 19, 2023) e mais adiante confessa-nos foi “criada dentro da pesca. Os meus tios, toda a gente pescava lá na aldeia onde fui criada (...)” e que depois começou “a haver pouco peixe porque também há poucas águas e não havendo água que chegue para o peixe, os pescadores não podem pescar. (...) tiveram de se deitar ao trabalho do campo”. Sobre Saramago, salienta sentir “muito orgulho, porque ele foi um grande homem, nasceu do nada, conseguiu o que conseguiu, tudo à custa do braço dele, tudo” (I. Campino, entrevista, junho 19, 2023).

O presidente do Rancho Folclórico Campinos de Azinhaga referiu que “o primeiro encontro que tive com José Saramago, foi precisamente em Sevilha, quando nós [fomos] com o rancho [à Expo] em que ele teve a hombridade de dizer [ao Presidente da República] – este é o Rancho da minha terra” (F. Pombo, entrevista, junho 19, 2023). Já um amigo da família, que viveu em casa dos pais de Saramago quando foi estudar para Lisboa, recorda “era uma pessoa muito inteligente, introvertida, portanto, não era uma pessoa muito expansiva, mas era muito calmo e com um sentido de humor muito particular e muito apurado” (J. Madeira, entrevista, julho 21, 2023). O carpinteiro recorda um episódio terno e engraçado com a avó Josefa,

...eu em miúdo, ia daqui, desta casa para a escola. E ela, coitadinha, estava sempre sentada lá no quintal. Quando eu ia para a escola, ou vinha da escola tinha por hábito ir lá sempre cumprimentar a avó Josefa (...) e, claro, a fomitea apertava naquele tempo. E eu tinha sempre uma coisinha para lhe pedir – Oh

avó Josefa, dá-me um bocadinho de pão com peixe? – tomará tu pão com dentes! Ela coitadinha tinha sempre pão e peixe com molho de escabeche. (F. Girão, entrevista, agosto 17, 2023)

Também refere que a paisagem era bem diferente “...isto na altura era muito mais olivais. Aqui onde estamos era tudo oliveiras (...) viviam da azeitona, viviam do tomate, das searas e do melão”. Sobre Saramago afirma que “qualquer cidadão que se preze sente grande orgulho em ter um prémio Nobel na sua terra” (F. Girão, entrevista, agosto 17, 2023).

A neta de Saramago diz-nos que “o meu avô tinha uma relação com a Azinhaga tão forte que a determinado momento diz que teve de voltar à Azinhaga para acabar de nascer” (A. Matos, entrevista, agosto 16, 2023). Depois completa que o avô

...vem para a Azinhaga até aos 15, 16 anos, para as férias, para estar precisamente com os avós maternos. (...) Depois está muito tempo sem vir (...). Eu penso que a razão pela qual ele não vinha [prende-se com], primeiro porque a família já não existia e, portanto, também não havia nenhuma relação familiar que o fizesse vir cá. Depois, porque muito daquela Azinhaga que ele imaginava que teria existido, ninguém sabe muito bem se existiu ou não. Também já não era a Azinhaga que ele encontrava quando cá vinha, nomeadamente a questão das oliveiras, que é uma saudade e uma mágoa. (A. Matos, entrevista, agosto 16, 2023)

Finalmente, a filha de José Saramago partilhou connosco algumas das suas muitas memórias com o pai na Azinhaga:

Sim, é verdade, nós vínhamos bastante à Azinhaga, particularmente no verão e em alguns natais (...). Claro que eu sabia e sempre soube que o meu pai gostava muito de estar aqui na Azinhaga (...) eu acho que a carta a Josefa, a minha avó, e a carta ao meu avô são talvez os momentos em que percebi o quanto a Azinhaga era marcante porque só se escrevem cartas daquelas quando a gente tem uma excelente relação com as pessoas, mas

também tem uma excelente relação com os sítios, porque se descreve na referência específica à pessoa, mas também a referência específica à terra, à igreja, ao lagarto, às pessoas, ao rio, às Divisões, às oliveiras.

Recorda, igualmente, a bisavó Josefa: “Era realmente uma coisa muito curiosa porque a minha bisavó era uma mulher franzina (...) sobretudo por comparação com o meu bisavô (...) com uns olhos absolutamente notáveis, um azul inesquecível e de um afeto, de um carinho inexcelável” (V. Matos, entrevista, agosto 31, 2023).

6.2. ELEMENTOS QUE PROMOVEM A AZINHAGA ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA DE JOSÉ SARAMAGO

A Azinhaga de Saramago é recuperada através da toponímica da aldeia, nomeadamente com as placas junto aos locais da simbologia saramaguiana (como o lugar da casa onde ele nasceu, em 1922) (Fig. 6); uma rua com o seu nome (1987) (Fig. 7); uma biblioteca (2002) (Fig. 8); a organização do lançamento do livro *As Pequenas Memórias* na Azinhaga (2006) (Fig. 9); a Delegação da Fundação José Saramago (2008) (Fig. 10); uma estátua de bronze (2011) (Fig. 11); os passadiços do Rio Almonda (2022) (Fig. 12); ou a avenida das 100 oliveiras (plantadas entre 2020-2022), todas identificadas com nomes das personagens fictícias ou reais da vida e obra do autor (Fig. 13). Para além de todos estes aspetos, a Junta de Freguesia da Azinhaga tem-se empenhado, nos últimos anos, na divulgação de um roteiro turístico “José Saramago na Azinhaga”, uma iniciativa integrada no programa das comemorações do Centenário do nascimento do Nobel da literatura, em parceria com a delegação da Fundação José Saramago, instalada na antiga escola primária, onde o visitante pode ver a recriação do que teria sido o quarto e a cozinha da casa dos avós. Estão expostos a cama dos avós de Saramago (Fig. 14), assim como outros objetos de época, como a arca onde os avós guardavam as favas, forrada com páginas do jornal *O Século*, ou fotografias de família. O visitante também encontrará uma livraria com livros do autor traduzidos nas diversas línguas. Existem, ainda, atividades recreativas e iniciativas promovidas pela fundação, destinadas aos visitantes.



Fig. 6 – Placa do lugar da casa onde José Saramago nasceu, em 1922, na Azinhaga (Fonte: Autores, 2023).



Fig. 7 – Placa da Rua José Saramago, na Azinhaga (Fonte: Autores, 2023).

O filme documental no processo de mediação territorial, cultural e literária:
o projeto Memórias da Azinhaga por Saramago



Fig. 8– Biblioteca Municipal José Saramago, na Azinhaga (Fonte: Autores, 2023).



Fig. 9 – Lançamento do livro *As Pequenas Memórias*, na Azinhaga (Fonte: Arquivo da Junta de Freguesia da Azinhaga, 2006).



Fig. 10 – Delegação da Fundação José Saramago, na Azinhaga (Fonte: Autores, 2023).



Fig. 11 – Estátua de José Saramago, na Azinhaga (Fonte: Autores, 2023).

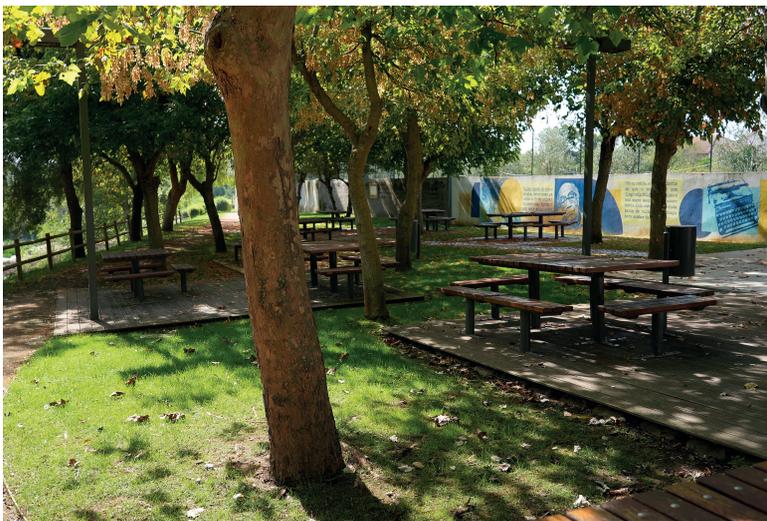


Fig. 12 – Passadiços do rio Almonda, na Azinhaga (Fonte: Autores, 2023).



Fig. 13 – Avenida das 100 Oliveiras (Fonte: Autores, 2023).



Fig. 14 – Cama dos Avós de Saramago, na Delegação da Fundação José Saramago da Azinhaga (Fonte: Autores, 2023).

É este lugar, tornado lugar literário, construído pelas referidas memórias, que é procurado pelo visitante/turista interessado na obra de Saramago e desejoso de conhecer as paisagens e os lugares mencionados pelo autor, de tocar nos objetos, de sentir e ver o que Saramago viu e experienciou, num encontro simbólico com a infância do próprio autor. Contudo, muitos desses lugares já desapareceram e muito pouco resta da Azinhaga dos anos 30 e 40 que o autor rememorou no seu livro.

Todas estas iniciativas, a reabilitação e aproveitamento destes espaços da Azinhaga, fundamentais da identidade de Saramago, constituem formas de promover o turismo cultural e literário, associado ao Nobel da literatura, fomentando o desenvolvimento da região e fortalecendo a autoestima da sua população. Este aproveitamento cultural, artístico e literário deste património permite a valorização destas regiões do interior, assim como contribui para a promoção da literatura portuguesa (Sardo, 2008), tanto a nível nacional como internacional.

7. DISCUSSÃO

7.1. ANÁLISE AO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Na análise das entrevistas, que serviram outros objetos do projeto, constatamos a transversalidade das ideias com um foco nas diferenças – a paisagem está muito diferente (mais campos de milho, menos olivais) – alteração na paisagem agrícola, incidindo também na transformação do rio Almonda que deixou de ser navegável e de permitir as atividades piscatórias ou de passagem de barco para a outra margem por um barqueiro, assim como a paisagem urbana, conforme vários entrevistados mencionaram acima, como a pescadora, o correio e o carpinteiro. Também a paisagem humana sofreu transformações significativas, antes caracterizada pela pobreza, pelo trabalho árduo, essencialmente no campo, pela falta de oportunidades na aldeia, levando à migração para outros locais em busca de melhores condições de vida, verifica-se, atualmente, uma diminuição da incidência de algumas profissões / atividades, assim como a introdução de novas atividades. É, igualmente, significativo, o sentimento de orgulho em ter um prémio Nobel nascido na aldeia, como referiram o carpinteiro e a pescadora, permitindo a chegada de turistas e estrangeiros à aldeia para conhecerem o berço do autor, dando visibilidade à Azinhaga e promovendo o turismo literário na região. Em relação à recordação de Saramago quando passava férias na Azinhaga, a lembrança dos avós Josefa e Jerónimo, na generalidade, essas memórias são distantes, quando existem, ou seja, reportam-se, maioritariamente, à presença dele já adulto com a filha pequena, ou são mais recentes, posteriores à atribuição do prémio, como referiram os entrevistados em determinadas passagens, que surgem refletidas nas curtas-metragens.

7.2. AS PEQUENAS MEMÓRIAS ENQUANTO POTENCIADORAS DO TURISMO LITERÁRIO NA AZINHAGA

A aldeia da Azinhaga, berço de José Saramago, único Nobel da literatura portuguesa, é, por um lado, um lugar literário porque é o lugar referenciado e rememorado por Saramago em *As Pequenas Memórias*, por outro lado, está associado

ao próprio autor, ou seja, estes dois lugares literários fundem-se e a Azinhaga torna-se protagonista de um duplo encontro: com as memórias de um lugar que já não é o mesmo da infância de Saramago, mas que traz, simultaneamente, a possibilidade de um encontro com os afetos. Efetivamente, este lugar literário oferece ao turista “an intensely personal experience which evokes memories and allows them to be relived” (Herbert, 1996: 78).

Esta atividade turística, sendo procurada por um público relativamente restrito, reveste-se de um cariz mais sustentável e diferenciado (Carvalho & Batista, 2015) e o turista procura nesta visita uma certa autenticidade, procura as paisagens, os locais e os objetos referenciados nos livros. Ora, no caso da Azinhaga, a casa onde José Saramago nasceu já não existe e a casa dos avós também já não é a mesma; a própria paisagem natural se transformou (o rio Almonda diminuiu o seu caudal, os olivais foram substituídos por outras culturas).

Muito pouco resta da Azinhaga da infância de Saramago, como referimos acima. Mas José Saramago quis que à sua Azinhaga fosse reconhecido o estatuto de património. Não o disse expressamente, mas quis e fez, através da iconicidade de *As Pequenas Memórias*, através da indicialidade que perpassa a narrativa e da simbolização que a associa a si próprio. Não que o não fosse já, pois segundo Jean Davallon (2006), é património o que é definido como tal pelo grupo ou comunidade, ou seja, pelo coletivo, e sobre o qual este reivindica a posse continuada desde o passado.

A freguesia da Azinhaga é património porque assim o entendem os seus fregueses e porque assim o entendeu José Saramago. Uma terra com História, referência que não escapa à narrativa memorialista, uma aldeia que amalgamou identidades reconvertendo tradições, o lugar da fusão do rio com o campo, das gentes avieiras com as gentes da lezíria e do bairro, e que é por definição um lugar cultural. O lugar que viu nascer Saramago e que ele imortalizou nas suas Memórias é por condição um lugar literário.

7.3. CONSIDERAÇÕES CRIATIVAS NA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA

Procedeu-se, então, a uma tentativa de ampliação do livro, adicionando às *Pequenas Memórias* que Saramago tinha da sua Azinhaga, as memórias que a

Azinhaga tem do autor. No entanto, tentou-se dignificar a palavra e a escrita de José Saramago, optando-se, para tal, pela inclusão dos excertos do texto autobiográfico, lidos por atores de um grupo de teatro da região, dando às curtas-metragens documentais um carácter poético-literário.

Ao nível do som, foram compostos quatro temas musicais livremente inspirados no folclore ribatejano, nomeadamente nas canções: Fandango Ribatejano; Corridinho da Isenta e outras modas. A partir destes quatro temas, fizeram-se duas variações de cada tema. Mantiveram-se traços identitários dos temas de referência, adaptando-os a uma linguagem musical contemporânea que servisse a carga dramática e questões de ritmo de acordo com a narrativa. Essa adaptação baseou-se na alteração da macroestrutura, instrumentação, andamento e em alguns casos, criação de melodias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É na reconstrução destes lugares de memória “pressentidos como lugares de pertença” (Silva et al., 2023: 42) que Saramago constrói as suas *Pequenas Memórias*. O ambiente natural e paisagístico da aldeia, com os seus extensos olivais, o Paul do Boquilobo, o rio Almonda ou o rio Tejo, palco de episódios de pesca frustrada (Saramago, 2014), mas que foram marcantes das suas vivências e aprendizagens assumem, num processo de resignificação, a materialização das lembranças; a memória da casa dos avós – o Casalinho – pobre de bens materiais, mas riquíssima em afetos dos avós, constitui-se, igualmente, como fundamental para a sua formação identitária. É no espaço íntimo desta casa (inexistente), evocada no espaço museológico da fundação, e representativa das emoções humanas e das lembranças de sentimentos ternos, que se desenvolveu a personalidade e a identidade do nobelizado e que o determinou enquanto adulto.

Os testemunhos comprovam a ligação de Saramago à sua aldeia Natal, especialmente os da filha e da neta, assim como a transformação da paisagem natural e urbana, diferente das evocadas pelo autor em *As Pequenas Memórias*, mas que o turista/visitante procura na Azinhaga, tornada lugar literário. Com efeito, a toponímica alusiva a Saramago, a estátua de bronze,

os passadiços do Almonda, as 100 oliveiras, a delegação da Fundação José Saramago (com exposição de objetos/elementos simbólicos associados ao autor) e todas atividades desenvolvidas em torno do Nobel e da sua obra, constituem uma forma de recuperação das suas “pequenas memórias”, oferecidas ao turista e a quem procura um encontro com o autor. O livro representa um pequeno roteiro da sensibilidade do autor e da natureza mais profunda dos seus afetos, alimentados pelas figuras dos avós Jerónimo e Josefa na sua infância e juventude e immortalizados na escrita autobiográfica. As oito curtas-metragens, desenvolvidas enquanto método etnográfico, resultaram num artefacto audiovisual que, cumprindo a sua função metodológica, se propõe robustecer a narrativa da Azinhaga enquanto lugar de memória e consequentemente contribuir para o seu desenvolvimento enquanto destino turístico literário. Os filmes, alicerçados em momentos-chave das vivências de Saramago na sua infância/juventude na sua aldeia natal e complementadas com as memórias que as gentes da aldeia guardam no autor, consubstanciam, de certa forma, um tributo da Azinhaga ao único Nobel literário português que o viu nascer.

AGRADECIMENTOS

No ano de 2022 assinalou-se o centenário do nascimento do Nobel da literatura portuguesa, José Saramago, numa Aldeia do interior do país, a Azinhaga, no concelho da Golegã. Nesse ano multiplicaram-se as comemorações à efeméride, promovidas essencialmente pela Fundação José Saramago, um pouco por todo o país, com cerimónias e homenagens.

Foi neste contexto que a delegação da Fundação José Saramago na Azinhaga lançou à equipa de investigação que assina este artigo o desafio de produzir oito curtas-metragens que contribuíssem para a promoção do lugar onde nasceu o Nobel português. Este projeto, intitulado Memórias da Azinhaga por Saramago (MAS), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), insere-se no âmbito do Centro de Tecnologia, Restauro e Valorização das Artes (TECHN&ART), do Instituto Politécnico de Tomar, iniciou-se em setembro de 2022.

Endereçamos os nossos profundos agradecimentos à Fundação José Saramago, especialmente da delegação da Azinhaga, assim como a colaboração de todos os entrevistados, dos atores e atrizes da Casa da Comédia de Azinhaga e, ainda, o apoio de todos os fregueses da Azinhaga que, de alguma forma, contribuíram para a consecução deste projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Busby, Graham e Klug, Julia (2001). Movie-induced tourism: The challenge of measurement and other issues. *Journal of vacation Marketing*, 7, 4, 316-332. <https://journals.sagepub.com/doi/epdf/10.1177/135676670100700403>
- Carvalho, Inês e Batista, Maria Manuel (2015). Perspetivas sobre o Turismo Literário em Portugal. *Revista turismo e desenvolvimento*, 24, 55-68.
- Davallon, Jean (2006). *A Dádiva do Património: Uma abordagem de comunicação para a criação do património*. Paris: Hermès Sciences-Lavoisier.
- Félix, Pedro (2018). O concurso 'A aldeia mais portuguesa de Portugal (1938). In *Etnográfica Press* (207-232).
- Halbwachs, Maurice (2006) *A memória coletiva*. Vértice.
- Heider, Karl (2006). *Ethnographic film*. Univ. of Texas Press.
- Herbert, David T. (1996). Artistic and literary places in France as tourist attractions. *Tourism management*, 17, 2, 77-85.
- Howell, Signe (2018). *Ethnography*. *Cambridge Encyclopedia of Anthropology*. <https://doi.org/10.29164/18ETHNO>
- Lejeune, Philippe.(2008). *O pacto Autobiográfico: de Rouseau à Internet*. Trad. J. Noronha e M. Guedes. Belo horizonte: UFMG.
- Nora, Pierre (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História. PUC, dezembro*, 10, 07-28.
- Peirano, Mariza G. S. (1998). *When Anthropology is at Home: The Different Contexts of a Single Discipline*. *Annual Review of Anthropology*, 27, 105-128. <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.27.1.105>
- Quinteiro, Sílvia; Baleiro, Rita (2014). Uma personagem à procura da literatura: a ficção literária e a prática turística. *Dos Algarves: A multidisciplinary e-journal*, 24, 10-27.
- Saramago, José (2014). *As Pequenas Memórias*. Porto Editora. (Obra original publicada em 2006).

- Sardo, Anabela. (2008). Turismo literário: uma forma de valorização do património e da cultura locais. *Revista Egitania Science*, 2, 75-96.
- (2009). Turismo literário: a importância do património e dos sítios literários para o desenvolvimento turístico regional. In *Turismos de Nicho: motivações, produtos, territórios*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.
- Silva, Manuela Sofia; Romana, Maria Barras; Cordeiro, João Miguel; Santos, Luís Carreira; Silva, Júlio César; do Carmo, Ana (2023). *Das Pequenas Memórias de José Saramago. Roteiros de Memória*. Humus.
- Sousa, Bruno Barbosa; Anjo, Ana Margarida (2020). Literatura e turismo digital: o caso de Lisboa e Fernando Pessoa. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 7, 2, 185-201.
- Tetley, Sarah (1997). 'Visitor attitudes to authenticity at literary and television-related destinations', in CD-ROM. *Worldwide Hospitality and Tourism Trends*. WHATT, HCIMA.
- Vilelas, José (2017). *Investigação – o processo de construção do conhecimento*. Edições Sílabo.